

## EDUCAÇÃO PARA AS VIRTUDES

Almiro Schulz,UNITRI

[almiroschulz@yahoo.com.br](mailto:almiroschulz@yahoo.com.br)

Já por alguns anos, desenvolvemos estudos sobre educação e ética. Uma das questões que nos inquieta é até que ponto a ausência de um enfoque mais claro e objetivo voltado para a formação das virtudes, seja co-responsável por aspectos da desordem social nos vários níveis em que nos encontramos. Será que a educação voltada para a informação, a instrumentalização, para a aquisição de um mero conhecimento, um mero saber, em detrimento da formação das virtudes, para o modo de ser, não seja um fator condicionante da prática do mal? Ou ainda, a confiança depositada no conhecimento das normas, das leis objetivas, para reger e controlar as relações na convivência social, não seja o suficiente para a convivência social? Saber não garante o fazer. Esses são alguns questionamentos subjacentes da abordagem à qual o texto se propõe.

O texto é resultado de uma revisão bibliográfica sobre o assunto, principalmente dos autores que fazem uma abordagem mais específica. Fez-se uma leitura, reflexão e análise comparativa entre várias perspectivas que perpassam o quesito da formação das virtudes. Porém, não nos propomos a analisar e comparar todas as teorizações sobre o assunto, isso demanda mais tempo e extensão do texto.

Constata-se que a maioria que discute a educação moral, centra seu foco na formação dos valores e não nas virtudes, enquanto que, neste texto, estaremos centrando nosso foco na formação das virtudes. É claro que há uma estreita relação entre ambos, valor e virtude, e, dependendo das concepções, não se faz distinção.

A pesquisa teve como objetivos: 1) mostrar quais os entendimentos que se têm sobre as virtudes, o que significam; 2) destacar a sua importância para o convívio, para as relações sociais; 3) apresentar a visão sobre o processo da educação para as virtudes, os limites e possibilidades, e sua referência à formação no contexto da educação escolar superior.

O texto é, então, estruturado e desenvolvido considerando os três objetivos, em que, em cada item procura-se atender ao objetivo correspondente.

## **Concepção sobre o que são virtudes**

O termo virtude, em grego “aretê” e em latim “virtus”, são equivalentes no significado: “qualidade excelente”, disposição habitual para a realização do bem no sentido moral. Trata-se, pois, de uma capacidade adquirida pelo exercício e pela aprendizagem.

Foi Aristóteles quem desenvolveu de forma mais sistemática uma ética das virtudes, por isso, todos que discutem sobre as virtudes, dificilmente, deixam de valer-se de suas concepções. Para ele, a virtude tem uma estreita relação com a felicidade, uniu ambas, colocou a virtude como elemento básico da felicidade.

Para Aristóteles, inicialmente, a concepção de virtude não tem uma relação única com a ética, pois, como todas as coisas em sua espécie têm uma natureza, um fim, pode-se falar da virtude de um objeto, quando este cumpre sua função para a qual existe ou foi fabricado.

No campo da ética, a virtude, “aretê”, é entendida como disposição permanente para agir bem. É um hábito que provém da vontade e torna-se estável, não é inato. Para Aristóteles, a virtude consiste no justo meio entre os extremos.

Quando Aristóteles discute a essência do ser, fala de duas leis: a “dianoia”, entendida do que é humano, e a “nous”, vista como um aspecto divino em nós, como a inteligência pura. Quando classifica as virtudes em éticas, morais e deanoéticas, intelectuais, as primeiras referem-se à vontade, é a força que domina as paixões, envolve a união da alma com o corpo e as relações sociais. As intelectuais referem-se à inteligência, como prudência, sabedoria, consideradas como virtudes superiores, de excelência, que conduzem ao pensamento puro, “nous”, vida teórica, contemplativa.

Mesmo que elejamos Aristóteles como referência principal para abordarmos as virtudes, para fazer justiça, não devemos deixar de ainda nos referir aos estóicos da Grécia antiga, que, normalmente, são lembrados ao se discutir sobre as virtudes. Estes fundamentaram sua visão na natureza e defendiam que o viver deveria adequar-se a ela, isto é, o bom consistia na vida de acordo com a natureza. Quanto à virtude, ela correspondia ao bom, e o vício, ao mal. Segundo eles, a virtude era o fim, ela se bastava por si, não como um meio, mas como

um fim, enquanto que, para Aristóteles, a virtude se constituía num meio e a felicidade num fim.

Em síntese, podem ser entendidas como hábito, disposições subjetivas para o bem, uma disposição adquirida para praticar o bem. Em relação ao aspecto quantitativo – quais e quantas são as virtudes? Platão fala em quatro virtudes cardeais, Aristóteles as amplia e as divide em morais e intelectuais; Tomás de Aquino acrescenta as que classifica como virtudes religiosas. David Isaacs, no seu texto: “La educación de las virtudes humanas y su evaluación”, em sua 14<sup>o</sup> edição, relaciona 24 virtudes. André Comet-Sponville, no seu texto “pequeno tratado das grandes virtudes” (1995), enumera 18, entre as que considerou mais significativas.

Entendemos que, de acordo com o significado apresentado nas considerações, não cabe uma quantificação das virtudes em si, pois se manifestam e se expressam por meio das atitudes associadas à moral e aos valores.

### **A importância das virtudes para as relações sociais**

As virtudes não têm um fim em si mesmas, segundo Aristóteles, mas são um meio para se alcançar o bem, para que se viva mais feliz. Trata-se de um vida virtuosa para que as relações interpessoais e sociais tornem-se melhores.

Sabe-se que houve avanço em relação aos direitos humanos, sociais, das nações, para responder melhor ao tempo e às circunstâncias, às novas situações. Do outro lado, fala-se em desagregação social e em caos social. É comum ouvir que as leis brasileiras são boas, falta que sejam cumpridas.

As leis são todas as estratégias externas, instrumentalização, para amparar ou desenvolver as relações. Na concepção de Kant, são necessárias, mas não representam a conduta moral, esta se dá a partir de um ato com base na liberdade em cumprir um dever (HENKEL, trad. s/d). A lei não pune uma intenção. Para se aplicar a lei, é preciso que tenha ocorrido a prática ou a omissão de um ato considerado ilícito.

Aristóteles, ao tratar da vida política das relações na “polis”, espaço para a realização da felicidade, conforme Pegoraro (1995, p.13), conceitua que: “a justiça é a virtude da cidadania que regula toda a convivência política”. Nesse sentido,

quando Aristóteles trata da regulação social, política, é por meio da virtude da justiça. Diferente de Kant, para o qual a vida política é regulada pelo direito natural e positivo. Como já foi referido anteriormente, a partir daí, as normas passaram ter primazia e as virtudes deixaram de ter a mesma importância. Porém, tanto a virtude da justiça como a virtude do amor transcendem a vida baseada num sistema de leis, normas positivas.

Agir segundo a virtude da justiça significa, na concepção de Aristóteles, “dar a cada um aquilo que cada um merece”, não quer dizer igualdade aritmética, mas ao que compete a cada um, nem de mais e nem de menos. Não é igualdade, mas equidade. Agir segundo a virtude do amor é reconhecer no outro um igual e não um mero objeto de prazer e de utilidade.

Um outro aspecto que pode ser apontado em relação ao autocontrole e controle social, na dimensão das relações humanas, é o papel conquistado e atribuído ao Direito no período da modernidade, que acabou tornando-se a “mola mestra” para as relações sociais.

A práxis do indivíduo já não se rege mais pela analogia entre *nomos* (lei) e *métron* (medida interior), como entendido por Aristóteles, entre o agir virtuoso e o controle externo, da lei, na vida da *pólis*, mas, a objetivação, institucionalização do sistema jurídico moderno, na concepção positivista, tornou-se um instrumento que se sobrepôs ao dever ser moral.

Se ser bom ainda faz sentido, então, é necessário que o ser humano seja formado nas virtudes e é sobre esse aspecto que estaremos refletindo no próximo item.

## **Desenvolvimento das virtudes**

Neste tópico, queremos mostrar e discutir a estreita relação entre educação e virtudes, em especial, como se dá o processo da formação nas virtudes e a importância que se deve dar à questão. Certamente, não se trata de uma abordagem inédita, mas espera-se que seja uma contribuição aos que se interessarem pelo assunto.

Em relação à importância dada ao assunto.

Se procurarmos verificar qual é a importância que se dá ao assunto, partindo da política educacional nacional, essa preocupação não é posta de uma forma direta, mas pode ser identificada de uma maneira difusa nos objetivos e fins da educação, como, por exemplo: a preocupação da formação voltada para aspectos éticos encontra-se inserida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), estabelecidos pelo Ministério da Educação (MEC), em 1997, e nas novas Diretrizes Curriculares para o ensino fundamental, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação em 1998, com o fim de auxiliar na estruturação de currículos para a educação escolar. Também a Unesco inseriu a questão da formação ética em suas preocupações, de acordo com a sua Declaração Mundial sobre Educação Superior, no Artigo 2º - “Função Ética, autonomia, responsabilidade e função preventiva” (UNESCO, 2001, p.15/16).

Entre autores contemporâneos, que acabam sendo sinalizações de que é uma questão importante a ser considerada, que tratam mais especificamente da questão da formação moral, dos valores e da educação das virtudes, são: David Isaacs, Quintana Cabanas, Ramiro Marques, André Comte-Sponville.

#### A relação entre educação e virtudes

Na busca de responder sobre o que se pode compreender por educação das virtudes, voltamos ao antigo mestre Aristóteles, segundo o qual, nas palavras de Marques, a educação é um processo facilitador na “questão do desenvolvimento dos hábitos corretos do agir e do sentir do que ensino de questões intelectuais, é mais uma questão de prática do que de ensino e é mais uma problema de sentimento do que de raciocínio”... (2001 p.36). Afirma ainda, que “(...)dos seus textos é possível tirar a conclusão que a educação ética é ajudar a cultivar nas pessoas as características que as ajudam a florescer como adultos capazes de viverem bem e de realizarem vidas felizes” (2001, p.36).

A educação é o meio para a formação do hábito. O hábito é entendido como a repetição de atos. Marques afirma ((...) “o estado habitual atinge-se pela repetição dos atos que procedem da virtude, isto é, atos impregnados de razão”...) (2001, p.39). Assim sendo, podemos dizer que a educação das virtudes para Aristóteles é a formação do hábito.

Como já visto, as virtudes não são naturais ao homem, precisam ser

desenvolvidas apenas, pois, no ser humano, por natureza, há a disposição para as virtudes. É preciso considerar, já que há disposição, que elas estão tanto para a virtude como para o vício. Diferente de Sócrates e Platão, para os quais o mal era visto como ausência do conhecimento do bem bastaria conhecer. Para Aristóteles não, o bem está relacionado com a perfeição, é uma busca contínua e para esta há três coisas que contribuem: a natureza, o hábito e a razão.

Toda virtude, por não ser nata, é também histórica, como é a humanidade, assim, a educação das virtudes representa o que somos e o que podemos nos tornar, a maneira de ser e agir no tempo e espaço.

A possibilidade da educação e do ensino das virtudes.

Para Sócrates, para quem a virtude é um saber, uma ciência, pode ser ensinada, mas carece de mestre. Já para Platão, de acordo com que se apreende do diálogo de Menón, a virtude acaba sendo a idéia verdadeira de inspiração divina, e nesse caso, o ensino fica limitado, bem como seus mestres. Como ressalta Cabanas: “Por ser eso, la virtud no es ni un don de la naturaleza ni la consecuencia de una enseñanza, sino que, en aquellos que la poseen, se debe a un favor divino, sin intervención de la inteligencia; y por eso no hay maestros de virtud” (1995, p. 527)

Já segundo Aristóteles, não denota que negue o papel do ensino, na *Ética a Nicômaco*, mostra que as virtudes podem ser ensinadas, porém o ensino em si não é garantia para uma vida virtuosa, deve ser associado e em especial, ao hábito, e, nesse sentido, é produto do hábito.

É importante, no entanto, lembrar que, para Aristóteles, ao dividir as virtudes entre as morais e intelectuais, a criança, na tenra idade, poderia ser submetida à educação, pelo hábito, na forma das virtudes relacionadas aos instintos, mas só poderia ser educada nas virtudes intelectuais, quando em idade apropriada.

Piaget e Kohlberg desenvolveram pesquisas sobre o desenvolvimento da consciência moral, ou seja, sobre o juízo moral, identificando o processo em estágios, três (FREITAS, 2003) e seis respectivamente (BIAGGIO, 2002).

Modelo, formas da educação das virtudes.

Uma das matrizes da concepção da educação das virtudes encontra suas raízes em Sócrates e Platão, cuja ênfase está no cognitivo, segundo as quais, aquele que conhece o bem, pratica-o, o mal é a ausência do bem. Com base nessa matriz e, é lógico, desenvolvida no transcurso do tempo, em seus contextos de tempo e espaço, arquitetou-se o modelo cognitivista, que, na modernidade, teve Kant como o referente principal e, na época contemporânea, destacaram-se Piaget, Kohlberg, Habermans. A partir dessa matriz, o modelo da educação das virtudes, o foco centra-se não nas virtudes, mas na evolução e formação da consciência da moral.

A outra matriz está baseada no pensamento de Aristóteles, para o qual, como certa maneira já mostrado no texto, a procura do bem se dá por meio do desenvolvimento das virtudes, e estas se dão num processo inacabado pelo hábito associado à razão. Teve como um dos últimos representantes principais Tomás de Aquino.

Quais as implicações desses modelos na implementação curricular da formação ética/moral, no nosso caso, formação para as virtudes? Marques (2001) discute a questão dos níveis de formação, com base nos principais modelos, valendo-se das considerações de Quintana Cubanas, identificado em três níveis, que acabam coincidindo com a classificação de Kohlberg, uma “ética mínima”, que apenas está preocupada com o cumprimento das leis, dos contratos, respeito às normas de convivência social, para a qual, segundo Cabanas, basta o método dialógico, a discussão de dilemas; uma “ética média”, que busca o cumprimento das obrigações, deveres, tratamento equilibrado e respeito com os outros, que se pode desenvolver por meio do exemplo e do clima da sala de aula; e uma “ética máxima”, que vai além da justiça positiva, prescrita, para qual sugere leitura e discussão de narrativas morais, contato com modelos morais (MARQUES, 2001, p.58).

Conforme Marques há três estratégias básicas para o desenvolvimento da educação na perspectiva das virtudes, “as três estratégias essenciais: exortação, o exemplo e envolvimento” (2001, pp.50/51). O termo *noutheteō*: advertir, aconselhar, exortar, tem a idéia do exercício de influência sobre alguém que resiste ao entendimento e em adequar-se a uma conduta, mas não no sentido de castigar, mas de corrigir e estimular. Portanto, a idéia de que a virtude se adquire

por meio da correção, da motivação e pelo estímulo. Todos que discutem a formação das virtudes entendem que o exemplo e o envolvimento, a prática disciplinada, são as formas mais importantes, sobretudo, para as virtudes morais, fundamentais. Marques cita: “Ora, o hábito não se molda pela reflexão, mas sim pela prática, pelo treino e pelo contato com bons exemplos” (2001, p.50).

É importante lembrar que essas estratégias não se limitam apenas ao papel do professor, sala de aula, mas também para toda a instituição.

Atribuição de responsabilidade para a educação das virtudes.

Esta é uma questão polêmica, tem-se discutido muito a quem cabe a responsabilidade da formação das virtudes. A resposta não é simples, principalmente numa sociedade pluralista. É preciso também levar em consideração a configuração da estrutura social. Numa sociedade edificada e sustentada sobre instituições, como: família, Estado, religião, educação escolar, associações, e outras, é preciso avaliar sua missão e função, e por onde a luz das variáveis passa uma influência maior.

Não se pode negligenciar que, atualmente, os meios de comunicação, pelo seu poder sutil, têm um poder formador extraordinário. Pois, nem sempre, a que se atribui formalmente o papel, exerce-o da melhor forma.

É mais ou menos de consenso que a formação ética/moral e, sobretudo, nas virtudes, deveria ocorrer antes que as disposições naturais criem o hábito do vício.

Considerando a importância da fase infantil e da relação afetiva, o espaço e a relação com a família tornam-se a primeira e o “lócus” mais importante. Tem sido o entendimento de que a formação das virtudes cabia em primeiro lugar a família, e no seu interior, muitas vezes, era tarefa da mãe; em segundo lugar, a religião, por intermédio da igreja, e, em terceiro lugar, à escola, na fase do ensino fundamental e, no seu interior, centrada no professor.

Goergen (2001, p.80/81), ao discutir, em seu texto, sobre ética e educação na pós-modernidade, considera que a educação é um processo sociocultural de individuação/socialização, nessa perspectiva, a formação não é mais uma questão meramente de foro íntimo, mas da participação de todos. Não é só papel da família, da escola ou de um determinado seguimento específico, mas



responsabilidade de todos. O risco é quando se dilui a responsabilidade a todos, acaba não sendo de ninguém.

Com base nos indicadores de quando se dá ou é a melhor fase, é preciso, então, destacar que a responsabilidade cabe aos que lidam com a educação/formação. E, nesse caso, temos que concordar que está diluída, pois a criança já não fica mais na sua fase mais apropriada com os pais somente, sai cedo para a escola e tem contato com os meios de comunicação de massa.

Considerando as variáveis implicadas nesse processo da formação das virtudes, surge o dilema em saber qual é o melhor método, forma de se ensinar e educar para as virtudes. Cabanas enfatiza:

“hay un gran dilema: el de si la formación en valores hay de hacer-se em la esfera de las ideas de educando o, más bien, en la de sua voluntad e su comportamiento. Este dilema pedagógico es clásico en educación moral (...). Tradicionalmente estaba resuelto en favor de una solución mista; pero he aquí que, con el predominio actual del cognitivismo y del formalismo moral, se hay puesto de moda el luso exclusivo de métodos intelectualistas.”(1998, p.286)

## Formação das virtudes e educação escolar

Uma vez que cada vez mais a educação, em seus diferentes níveis, passa a ser atribuída às instituições educacionais, passaremos a fazer algumas considerações.

Como já referido, não entendemos que a educação escolar como a única responsável no processo da formação das virtudes, mas também não pode ser considerada isenta. Este assunto tem sido objeto de discussões, sobretudo, para as escolas públicas, objeto de muitas críticas. Como estamos estudando e desenvolvendo pesquisas em torno da educação superior, quando, então, se coloca a questão, se as instituições de educação superior também ou ainda têm um papel para a educação das virtudes, fica mais problemático saber como é dada essa formação. Ou, simplesmente, considerar que não tem nada a ver. São duas as razões: ou por que a formação nas virtudes não é mais possível em vida adulta, só ocorre até a adolescência, o que não está suficientemente esclarecido, apesar de se saber que formar hábito para quem já tem virtudes ou vícios é mais difícil, ou por que não cabe a ela essa missão, é tarefa de outros segmentos.

Partindo da hipótese de que ainda é possível em qualquer nível de

educação, até porque, segundo a teoria de Erikson, a formação da personalidade é contínua. Esta se desenvolve entre o nascer e o morrer, mesmo que foque como fase central a adolescência (GALLATIN, 1978), cabe, assim, a preocupação com a formação das virtudes mesmo na universidade, pois há de se instrumentalizar para o exercício de uma profissão e esta, para seu desempenho, também, e cada vez mais, requer uma competência ética.

Passamos a apontar e relacionar algumas dificuldades para o exercício desse papel e também indicar algumas estratégias, procedimentos a partir dos quais se vem discutindo sobre o assunto. Valer-nos-emos, sobretudo, das observações feitas por David Isaacs (2003).

Parece-nos que as instituições, por meio de seu pessoal designado, vêm-se diante de uma encruzilhada: o caminho é uma questão metodológica ou uma questão de conteúdo? Quando diz respeito à formação ética/moral, trata-se de ambos? A resposta, a orientação pode ser encontrada no ou num modelo subjacente, ou, por que modelo vai optar, para, então, estabelecer suas estratégias de ação?

As diretrizes curriculares, ao proporem a inserção, nos currículos, da formação ética/moral, focando mais os valores, não prescrevem um modelo de fundamentação, mas dão certas indicações para as estratégias, de forma que se vê a tentativa de atender isso via os conteúdos transversais e a interdisciplinaridade. A questão dos conteúdos transversais ocorre, sobretudo, na educação fundamental. Essa preocupação, no entanto, não está restrita à formação fundamental e média, mas também atinge a educação superior e as formas de ensino com vistas à ética/moral.. Na dimensão da educação superior, ela recebeu mais um parâmetro, ou um desafio, com base na concepção da educação para as competências ou por meio das competências.

Isaacs aponta algumas dificuldades em relação à educação das virtudes pelas instituições educacionais, entre elas,

“Por una parte, habrá que tener en cuenta que el desarrollo de cada virtud debe corresponder a su justo medio y, por otra, que cada alumno tiene una mayor o menor facilidad para desarrollar cada virtud. Es decir, cada persona, al nacer, cuenta con una disposición que le facilita más o menos el desarrollo de cada virtud” (2003, p.460).

À luz desta observação, a educação das virtudes requer um atendimento

muito individualizado, personalizado, considerando, de um lado, as características de cada aluno, mas também, do outro lado, é preciso levar em conta a natureza de cada virtude e relacioná-las às diferentes fases do desenvolvimento psicológico e cognitivo de cada um. Como posto anteriormente. Diante disso, o processo terá que ser personalizado.

Ponderando que a educação das virtudes se dá principalmente via exemplo, disciplina, atividade, as instituições devem estar atentas a isso, de que forma seus docentes, pessoal administrativo, gestores exemplificam as virtudes, como expõe Isaacs:

Habrà que admitir que el proceso debe ser personalizado en todo lo posible y que, además, habrá que preocupar-se por el proceso de formación y de perfeccionamiento de los profesores y de lo directivos en relación con las virtudes, ya que el ejemplo en sua actuación cotidiana puede influir significativamente en las acciones y en el pensar de los alumnos. (2003, p.462).

Julgando que a formação das virtudes não se dá tanto pelo conteúdo curricular específico, mas por meio de um conjunto de vivências, Isaacs sugere que haja atividades complementares, paralelas, com envolvimento, por meio do qual se possa exemplificar, disciplinar atitudes (2003 p.465-467).

## **CONCLUSÃO**

Procuramos mostrar que as virtudes são entendidas como sendo o bem, o belo, a felicidade, e que são concebidas como sendo o saber e ou um hábito, força, para a prática do bem. Consideramos, sobretudo, o pensamento de Aristóteles.

Mostrou-se que a virtude tem relevância para as relações sociais, que, se os homens fossem mais virtuosos, a sociedade viveria mais feliz, e muitos dos problemas hoje seriam, ao menos, em outro nível.

No âmbito da educação, para as virtudes, consideram-se vários aspectos implicados: sua importância no âmbito das políticas educacionais; o vínculo estreito entre virtude e educação, por meio de uma *paidéia*, cuja responsabilidade deve envolver não apenas um segmento social, mas que esta envolva toda a sociedade, mesmo que a família ocupe um papel central, os outros segmentos

que, direta ou indiretamente, influenciem ou formem, têm responsabilidade. Discutiu-se sobre os métodos, as formas, seus limites e possibilidades para a educação das virtudes, bem como aspectos da educação das virtudes no âmbito da educação escolar.

Julgamos que, para que a sociedade seja mais virtuosa e busque o desenvolvimento do ser, terá que levar em conta o desenvolvimento das virtudes, por meio do fortalecimento da vontade, da disciplina do hábito, também por meio do ensino, conhecimento. Lembramos, no entanto, que o cognitivo é insuficiente, exemplificando, muitos médicos que aconselham a seus pacientes não fumarem mesmo tendo ciência do mal que isso causa, eles mesmos não deixam do vício; isso também acontece com educadores que orientam seus alunos sobre princípios, conduta, mas eles próprios não as praticam.

Consideramos que não se trata de um mero processo civilizatório, com base de representações de simples boas maneiras, como rituais socialmente tidos como certos, mas trata-se de um projeto, de um modo de ser e desenvolver a humanidade numa dimensão ética.

## **Referências**

ARSITÓTELES. A ética. Trad. Pedro Cássio M Fonseca. Bauru/SP: Epicuro, 1995.

BIAGGIO, Angela M.B. Lawrence Kohlberg – ética e educação moral. São Paulo: Moderna, 2002.

BORGES, Maria de Lurdes e outros. Ética. Rio de Janeiro: GP&A Editora, 2002.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1983.

BÍBLIA DE ESTUDO ALEIDA. Barueri/S. P: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CABANAS, José Maria. Quintana. Pedagogía moral- el desarrollo moral integral. Madrid: Dykinson, 1995.

CABANAS, José Maria. Pedagogía Axiológica – la educación ante los valores. Madrid: Dykinson, 1998.

COMTE-SPONVILLE, André. Pequeno tratado das grandes virtudes. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FREITAS, Lia. A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado. São Paulo:

Cortez Editora, 2003.

FREITAG, Bárbara. Itinerários de Antígona- a questão da moralidade. 3ª ed. Campinas: Papirus, 1992.

GOERGEN, Pedro. Pós-modernidade ética e educação, polêmicas do nosso tempo. Campinas: Ed. Autores Associados, 2001.

GALLATIN, Judith. Adolescência e individualidade. Trad. Antonio C. A. Pereira; Rosane A Pereira. São Paulo: Harpes & Row do Brasil Ltda., 1978.

HOLMES, Arthur F. Ética – as decisões morais à luz da Bíblia. 3ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2002.

ISAACS, David. La educación de las virtudes humanas y su evolución. 14ª ed. Navarra, Espanha: EUNSA, 2003.

MARQUES, Ramiro. O livro das virtudes de sempre – ética para professores. São Paulo: Landy, 2003.

PEGORARO, Olinto A. Ética e justiça. 7ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

PUIG, Josep M. Ética e valores: métodos para um ensino transversal. 2ª ed. Trad. Ana V. Fuzatto. São Paulo: casa do Psicólogo, 1998.

RABUSKE, Edvino. Antropologia filosófica. Petrópolis: Vozes, 1987.

RIOS, Terezinha A. Ética e competência. 7ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

SILVA, Nelson P. Ética, indisciplina & violência nas escolas. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004. TUGENDHAT, Ernst. Lições sobre ética. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

WATANABE, Lygia Araujo. Platão - por mitos e hipóteses. São Paulo: Editora Moderna, 1995.